

# EDUCAÇÃO E CIDADANIA: REFLEXÃO CONTRA O FIM DA ESCOLA

Edivaldo Francisco Vilhena de Oliveira

## Resumo

Este artigo faz uma breve análise do impacto da escola e da educação para o usufruto ou não da cidadania, levando em consideração a tendência da atual sociedade para a inversão de valores e para o culto à individualidade. É, por isso, necessário que a escola se converta em um espaço verdadeiramente público.

**Palavras-chave:** Cidadania. Inversão de valores. Espaço público.

## Abstract

This paper briefly assesses the impact of education on the enjoyment or not of citizenship, taking into consideration our society's present penchant for a reversal of values and for overemphasizing one's individuality. Thus, there is a present need for the school to become a truly public space.

**Key Words:** Citizenship. Reversal of values. Public space.

Vivemos uma época de inversão de valores em que prestigiamos o que é menos essencial e menosprezamos o que é imprescindível. A sociedade do *fast food* se torna cada vez mais pragmática, exigindo que haja uma razão objetiva, do ponto de vista econômico, para todos os fenômenos sociais. O importante é, agora, o resultado eficiente com um menor custo. Até que ponto, porém, os princípios do pragmatismo e da eficiência interferem na verdade dos fatos

Nesse tipo de perspectiva, que atinge os mais diversos setores da sociedade

capitalista, a escola não está imune a uma visão exclusivamente mercadológica, segundo a qual “a educação é encarada como uma *mercadoria*, submetida às leis do comércio e da livre concorrência” (NÓVOA, 2008, p. 218). Na guerra do mercado, os principais atores da comunidade educacional são atingidos (alunos, professores, administradores, a sociedade em geral). É difícil apontar quem é mais afetado ou prejudicado na escaramuça, pois, em uma guerra, todos, mesmo os vencedores, saem feridos.

A escola foi vista, durante

---

<sup>1</sup> **Edivaldo Francisco Vilhena de Oliveira** é pós-graduado em metodologia do ensino superior. Atualmente, é professor da Faculdade de Teologia do Pará (FATE): [edivaldovilhena@bol.com.br](mailto:edivaldovilhena@bol.com.br).

muito tempo, como uma espécie de estabelecimento regenerador da sociedade, e o professor posto em uma condição de sacerdote do saber e da moral. Esperava-se dos mestres nada menos do que uma conduta de monge tibetano. Os valores mudaram, pois mudaram também a sociedade e a escola; ou seria o inverso? Difícil saber. O que se constata é que “nossa civilização está em crise. E o sinal mais convincente é sem dúvida a falência da nossa educação” (REBOUT apud NÓVOA, 2008, p. 217).

Por décadas, colocou-se nos ombros da escola um “conjunto interminável de programas sociais, culturais e de apoio”, transferindo-se muito da responsabilidade da educação dos filhos para a escola e, conseqüentemente, para os professores (TARDIF; LESSARD, 2008, p. 258). O governo neoliberal, pós-regime militar, preconiza ser apenas um gestor da educação, transferindo, assim, a responsabilidade dos resultados educacionais para as escolas; os pais, por sua vez, divorciam-se de seus encargos de educadores primários, cobrando do espaço educacional o futuro de seus filhos, estes, em contrapartida, “vivem a escola como uma passagem obrigatória, uma imposição do meio familiar e da sociedade” (TARDIF; LESSARD, 2008, p. 258) enquanto a sociedade, de um modo geral, aponta para a rede de ensino como a responsável pela falência da moral.

Numa atitude *laissez faire, laissez aller, laissez passer* (“deixai fazer, deixai ir, deixai passar”), até mesmo os professores, vendo-se premidos por tantas acusações, acabam por se manter afastados do corpo discente e da própria sociedade. Todos, dessa forma, acabam por tentar se evadir de suas responsabilidades para com a educação. No entanto, “a escola vale o que vale a sociedade” (NÓVOA, 2008, p. 233). Ela é responsabilidade de todos.

Diante desse quadro, há ainda os que preconizam o fim da escola, advogando a sua desnecessidade, e definindo sua atual tarefa como uma missão impossível. Freud (apud SAVATER, 2002, p. 45) chega a dizer que “existem três tarefas impossíveis: educar, governar e fazer psicanálise”. O problema reside na visão que temos quanto ao papel da escola e em suas múltiplas responsabilidades no quadro social de hoje. O filósofo italiano Antonio Gramsci (2004, p. 36) acreditava numa mudança social, que viria se tivesse os intelectuais como agentes principais. Para ele, a escola seria um dos instrumentos mais importantes para a transformação social. Por isso, a escola deveria ter como objetivo a conquista da cidadania por seus alunos. A cidadania é, porém, muito mais do que a aquisição de um pedaço de papel, como queria nos levar a pensar uma recente campanha publicitária do Governo Federal. É a conquista da consciência de que cada elemento de uma sociedade é

responsável pelo todo do que acontece em seu entorno.

Savater diz que “é preciso ensinar a pensar sobre o que se pensa” (2002, p. 46). Essa prática educacional pode levar os alunos à reflexão, contribuindo para sua formação política que, segundo ele, “é uma das maiores contribuições que a escola pode dar à nação”. Além disso, é preciso abrir as portas da escola para a população em geral. Nas últimas décadas, o que se tem visto é um distanciamento cada vez maior da escola em relação a sua comunidade. A escola tornou-se apenas uma empresa privada. De fato, até mesmo a escola pública tem sido gerida como espaço privado. Faz-se necessário, agora, que tenhamos uma sociedade ativa e participativa das tarefas da escola, com os professores se envolvendo e se preocupando com os problemas locais e os gestores educacionais defendendo

políticas educacionais voltadas para a população em geral. Isso não deve ser visto apenas como obrigação da escola pública. A escola privada tem sua responsabilidade: “a tendência democrática da escola (...) deve ser tornar cada cidadão governante” (GRAMSCI, 2004, p. 37).

Para Nóvoa (2008, p. 226), “é preciso reforçar as estruturas sociais ou associativas de apoio à educação. Delas depende, em grande parte, a renovação do espaço público da educação”. A escola deverá se definir como um ambiente público, democrático, de formação cidadã. Para alcançar esse objetivo, é necessário recuperar práticas antigas (familiares, sociais e comunitárias). Em contrapartida, há a necessidade de os docentes reconstruírem laços fortes com a comunidade e de esta, por sua vez, resgatar o respeito que perdeu por essa categoria.

## REFERÊNCIAS

GRAMSCI, Antonio. Pedagogia da emancipação das massas. **Revista Nova Escola**. São Paulo, ano 29, n. 173, p. 36-38, jun./jul. 2004.

NÓVOA, Antonio. Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Orgs.). **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PELEGRINI, Denise; VITA, Marcos. Portas abertas para a paz. **Revista Nova Escola**. São Paulo, ano 17, n. 152, p. 16-21, maio 2002.

SAVATER, Fernando. Da ética como método de trabalho. **Revista Nova Escola**. São Paulo, ano XVII, n. 153, p. 45-47, jun./jul. 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. As transformações atuais do ensino: três cenários possíveis na evolução da profissão de professor? In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Orgs.). **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Petrópolis: Vozes, 2008.